

Leitura complementar

O texto abaixo foi extraído do livro “Tantra, o culto da feminilidade”, de André Van Lysebeth, publicado no Brasil pela Summus Editorial, em 1994, às páginas 166 e 167. Ele ilustra o pensamento do autor acerca da teoria da invasão ariana, a partir da imagem do deus Shiva. Este personagem foi usado para sustentar a lógica da tese que afirma que o yoga existia antes da época védica, tendo em vista a suposição que ele esteja representado em postura de yoga numa peça arqueológica do Vale do Indo.

Shiva, a trajetória de um deus

(...)

Desconhecido pelos arianos, até mesmo desprezado por eles, Shiva tornou-se, no decorrer dos milênios, uma divindade-chave, hindu e tântrica. Sua ascensão à hierarquia divina - até tornar-se, com Brahma e Vishnu, membro da trindade hindu – revela sua dinâmica profunda.

(...)

O amplo consenso entre indianistas ocidentais e indianos faz o culto de Shiva recuar à civilização dravidiana, mais do que às autóctones. "Do Himalaia ao Cabo Comorino, em vão se procura entre as tribos selvagens o mais ínfimo vestígio de uma forma qualquer de culto tântrico de Shiva ou Kali, sua esposa. Mesmo o emblema fálico, símbolo de Shiva, nunca foi encontrado" (N. Bose & Halder: *Tantras, their Philosophy and Occults Secrets*, p. 72).

Ignoram até mesmo seu nome, tão secreto e sagrado que evitam pronunciá-lo. "Shiva", que o designa em toda a Índia, é apenas um adjetivo, que significa "o benevolente", "o favorável". Ele está ligado ao culto solar: "O culto de Shiva deriva de um culto solar muito difundido entre a humanidade primitiva; o nome dado ao sol, *shivan*, é semelhante à palavra tamil *shivappu*, vermelho, da qual deriva *shivan*, o Vermelho, próprio para designar o sol nascente. *Shivan* parece também com os termos tâmil *schemam* e *shemmai*, que significam prosperidade, retidão. Com o tempo, além de 'vermelho', *shivan* foi enriquecido com sentidos como 'de bom augúrio', 'próspero' etc ... " (V. Parjoti, *Saiva Siddhanta*, p. 13).

Também é chamado de *Shambhu*, *Shamkara*, o benfeitor, cheio de graça. Alain Daniélou pensa que seu verdadeiro nome é *An* ou *Ann*; outros se inclinam para *Hari*, ou seja, Deus, no sentido absoluto.

Shiva, deus inimigo, foi a princípio rejeitado pelos invasores arianos. Mas após terem vencido e subjugado os dravidianos, impressionados com esse culto tão universalmente difundido entre seus servos, pouco a pouco eles o adotaram e integraram.

É interessante, e até divertido, seguir o processo de arianização de Shiva por meio de sua progressiva assimilação a Rudra, um deus védico mais do que menor.

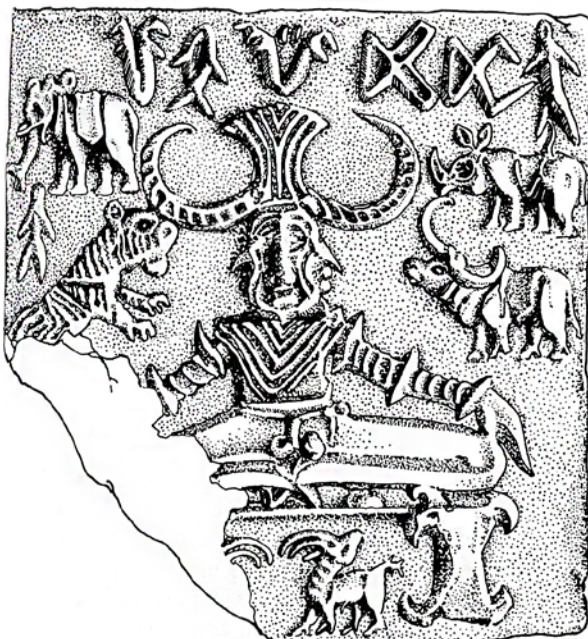
É provável que os Rudras, assim como os Maruts, fossem nativos que desertaram e se aliaram aos arianos durante a guerra de conquista, e em função disso seu chefe Rudra foi divinizado, "a contragosto, como deus das lágrimas, aquele que causa dor. Longe de ser adorado e respeitado como Indra, Varuna, Vâyu etc., Rudra (o 'uivante') não tem lugar algum no sacrifício do fogo. Em sua qualidade de deus das lágrimas, mora longe do bairro residencial dos deuses, nos próprios campos de cremação ou perto deles" (Bhattacharya, *Saivism and the Phallic World*, p. 216).

No *Shatarudriya*, mandam Shiva-Rudra acampar nas montanhas e nas florestas, onde se associa aos caçadores e moradores das florestas, mas também aos ladrões e bandidos! Que bela reputação ...

Sem dúvida, foram os brâmanes, irritados por vê-lo seduzir os arianos, que a princípio o tornaram o menos simpático possível: fizeram dele, inclusive, o deus das doenças ...

Criando Shiva, encarnação do princípio criador masculino, os dravidianos agiram conforme disse Voltaire: "Deus criou o homem à sua imagem, e este lhe pagou". Shiva, princípio criativo masculino, é um dos símbolos mais poderosos e mais antigos do tantra: já aparece, como *Pasupati* (pai e senhor dos animais), num sinete do Indo, sentado e cercado por animais selvagens: o tigre, o búfalo, o elefante e o rinoceronte.

Seus cornos simbolizam as forças lunares ou o touro, seu veículo e parâmetro da força sexual: lembremos dos cornos de touro dos santuários de Chatal-Huyuk e do deus cornudo das bruxas, que veio a ser o diabo na iconografia da Igreja. Suas três faces revelam que ele suscita, mantém e dissolve o universo. Deus dos yogues, sua postura põe em grande evidência seus atributos masculinos ...



Selo em esteatita do proto-Shiva, senhor dos animais, em posição yogue e atributos masculinos bem marcantes. O original, conservado em Délhi, no Museu Nacional, mede cerca de 3,5 x 3,5 cm (extraído de Die Indus Zivilisation).

Tendo entrado no panteão védico pela porta dos fundos, ele galgou pouco a pouco os degraus da hierarquia divina e se igualou a Vishnu e Brahma, constituindo com eles a trilogia hindu dominante. Porém, isso se deu "por pressão das ruas", como diríamos hoje.

Favorito dos dravidianos, Shiva encarna sua resistência ao invasor ariano, e são inumeráveis as lendas sobre ele. Há uma que patenteia a inimizade entre as duas Índias, a dos ocupantes e a dos ocupados. Ela começa com um idílio entre Shiva e Sati, filha do rei ariano Daksha. Enamorada por Shiva, Sati o desposou contra a vontade do pai e foi viver com ele no monte Kailash, no Himalaia. Após longos anos longe da família, certo dia Sati soube que seu pai organizava uma cerimônia sacrificial. Embora não tivesse sido convidada, ela quis ir, tão grande era seu desejo de rever os seus.

Seu divino marido desaconselhou-a, mas, pela primeira vez, ela não lhe deu ouvidos. Quando chegou à cerimônia, encontrou reunida a nata ariana: reis, príncipes, nobres e suas esposas. Quando seu pai viu chegar aquela que fugira por amor, vestida de andrajos, sentiu-se desonrado e, pálido de cólera, fez as maiores injúrias a Shiva. Para a pobre Sati foi demasiado: desmaiou, para nunca mais despertar.

A triste notícia se espalhou pela cidade e Shiva, quando soube, se enfureceu. Como se fossem um único homem, todos os seus adeptos, ou seja, a gente miúda, se ergueram e se rebelaram. A revolta se propagou por toda a cidade. O ressentimento generalizado contra a tirania bramânica, que há muito tempo germinava, eclodiu. O lugar da cerimônia foi profanado, saqueado, e Daksha, pai de Sati, foi humilhado. A multidão exigiu que Shiva fosse proclamado igual aos deuses arianos. Para acalmar sua cólera, os brâmanes admitiram Shiva no panteão hindu.

Essa lenda, que exprime tão bem essa revolta, ainda hoje é tão popular que virou história em quadrinhos! A Índia - lembremos que um ser humano em cada cinco é indiano - é um vulcão cuja pressão sobe sob a crosta, constituída pela milenar estrutura ariana. Quando a Índia explodir, o mundo estremececerá.

Na iconografia de Shiva, suas armas favoritas são o tridente e o laço. "Oficialmente" seu tridente - que não é o de Netuno - simboliza os três *gunas* do *samkhya* (*sattwa*, *raja*, *tama guna*) ou ainda os três nadis (condutos sutis de energia) do yoga: Ida, Pingala e Sushumna.

Mas para aqueles que *sabem*, é bem diferente, pois o tridente era a arma favorita dos dravidianos, enquanto seu homólogo ariano tem quatro dentes. O *Rigveda* (152.7 e 8) diz: "Com sua arma de quatro dentes (*Chaturashn*), Mitra e Varuna matam os portadores de tridentes". O indiano Rajmohon Nath, em *Rigveda Summary*, p. 83, comenta esse versículo: "Isso dá uma indicação sobre os velhos conflitos entre os dois campos, que ainda prosseguem na Índia (de hoje)". São raros aqueles que admitem isso! No entanto, como em matéria de simbolismo cada qual é livre, nada impede de considerar também a versão oficial!